



Este artigo está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribuição 3.0 Unported.

Você tem direito de:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato

Adaptar — remixar, transformar, e criar a partir do material para qualquer fim, mesmo que comercial.

De acordo com os termos seguintes:

Atribuição — Você deve dar o crédito apropriado, prover um link para a licença e indicar se mudanças foram feitas. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de maneira alguma que sugira ao licenciante a apoiar você ou o seu uso.

Sem restrições adicionais — Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.



This article is licensed under a Creative Commons Attribution 3.0 Unported License.

You are free to:

Share — copy and redistribute the material in any medium or format

Adapt — remix, transform, and build upon the material for any purpose, even commercially.

Under the following terms:

Attribution — You must give appropriate credit, provide a link to the license, and indicate if changes were made. You may do so in any reasonable manner, but not in any way that suggests the licensor endorses you or your use.

No additional restrictions — You may not apply legal terms or technological measures that legally restrict others from doing anything the license permits.

MERIDIANO 47



INSTITUTO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ISSN 1518-1219

Boletim de Análise de Conjuntura em Relações Internacionais

Nº 94
Maio – 2008

S U M Á R I O

- 2 A questão paraguaia: de novos paradigmas externos a uma diplomacia de resultados para vizinhos turbulentos
José Ribeiro Machado Neto
- 6 Revisões nas políticas interna e externa do Paraguai face ao fim do jugo colorado sobre o país
Evandro Farid Zago
- 10 Afinidades eletivas, solidariedade e convergência no início do século XXI: Apontamentos sobre as relações entre o Brasil e os países do Sistema de Integração Centro-Americana (SICA)
Carlos Federico Domínguez Ávila
- 12 China e Índia – “Chindia” (II): vasta estrutura econômica em construção
Paulo Antônio Pereira Pinto
- 15 A Cúpula da OTAN em Bucareste – questionamentos e desafios para a cooperação na área de segurança
Izadora Xavier do Monte
- 19 As crises do Quênia e do Zimbábue e a intervenção internacional
Márcio Santos de Santana
- 21 Independência de Kosovo: políticas de identidade e governança global
Mariana Yokoya Simoni
- 26 Balanço das relações Rússia-Geórgia: instrumentalização do separatismo em estratégias de afirmação regional
Pablo P. Sampedro Romero
- 29 O legado de Henry Kissinger
Paulo Roberto de Almeida
- 32 Veteranos nos Estados Unidos: McCain ou Obama?
Virgílio Arraes
- 34 La Nuova Política Estera della Seconda Repubblica: as dimensões da política externa italiana no governo Silvio Berlusconi
Ricardo dos Santos Poletto
- 39 Expansão e reforma da OTAN: as dificuldades da consolidação da aliança euro-atlântica no pós-Guerra Fria
Rafael da Soler

Veteranos nos Estados Unidos: McCain ou Obama?

VIRGÍLIO ARRAES*

A candidatura do Senador John McCain, já definida pelo Partido Republicano, traz consigo um aspecto singular em campanhas presidenciais. Em sendo um condecorado veterano da Guerra do Vietnã – período em que pertenceu como piloto à Marinha – qual o tipo de perspectiva que ele poderia passar aos milhares e milhares de feridos, alguns dos quais gravemente, nas inúmeras confrontações de que têm participado os Estados Unidos nas últimas décadas e aos próprios militares da ativa?

Com relação ao primeiro ponto, a despeito de McCain ter sido filho do Almirante-Chefe da Esquadra do Pacífico no período do conflito vietnamita, ele não aceitou a sua libertação em detrimento da manutenção da catividade de outros muitos militares. Como consequência, o futuro postulante à Casa Branca seria submetido constantemente a torturas, tendo por resultado lamentavelmente seqüelas físicas permanentes.

Desta forma, um possível presidente – submetido profundamente em sua juventude ao horror do cotidiano de uma cruenta peleja – teria mais condições de melhorar o serviço médico atualmente oferecido aos combatentes dele necessitados e ser ele mesmo um exemplo de destaque contra toda prática de tortura, independentemente se a favor ou não de seu país.

Em tese, o candidato republicano estaria habilitado para implementar melhorias administrativas no atendimento dos antigos militares; entretanto, na prática, a sua atuação na labuta senatorial nos últimos anos é desanimadora para os veteranos feridos não somente na Guerra do Golfo como na do Afeganistão.

Não obstante a sua condição de lesionado, ele recusa-se, desde 2004, a votar favoravelmente

em emendas concedentes de mais verbas para tratamento médico de reformados – notadamente para os de renda anual abaixo de 28 mil dólares – sem dependentes.

Uma das razões possíveis relacionar-se-ia com a valorização da disciplina fiscal, elemento que tradicionalmente não motiva muito as últimas administrações republicanas, de forma geral, a despeito de sua importância na política externa.

A justificativa para o postulante republicano portar-se assim deriva da avaliação de que a privatização atenderia mais adequadamente os ex-combatentes, ao ofertar-lhes a possibilidade de uma gama maior no momento de escolha de um tratamento. No entanto, a realidade mostrou-se adversa a tal modelo: em algumas cidades de Wisconsin, por exemplo, a transferência ao setor privado durou apenas poucos meses.

Sob a alegação de insuficiência de recursos para custear o atendimento, as empresas conveniadas desistiram e proporcionaram aos reformados um involuntário hiato de algumas semanas até um encaminhamento adequado dos problemas.

Se os veteranos podem prejudicar-se com relação ao atendimento hospitalar, podem muitos também com vistas ao seu próprio emprego, à medida que vários dos ex-combatentes são empregados do próprio Departamento de Veteranos, com a finalidade de executar tarefas rotineiras como serviços gerais, por exemplo.

Se a perspectiva não é encorajadora para os reformados, qual seria a dos militares da ativa? Nesse sentido, ao ser incisivamente questionado pelo Senador Obama, McCain responder-lhe-ia de maneira evasiva, ao afirmar que o democrata não havia sido militar como se tal status o desabilitasse

* Professor do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília – iREL-UnB (arraes@unb.br).

de avaliar ou propor políticas para a área.

Além do mais, Obama mal havia chegado à adolescência para alistar-se durante a Guerra do Vietnã, ainda que voluntariamente. Depois dela, os Estados Unidos não se envolveriam diretamente em conflitos de porte por quase uma década e meia.

Diante do comportamento do Senador McCain, Obama aproveita-se politicamente da ausência do espírito de corpo do republicano para reforçar a sua campanha perante os eleitores de origem castrense, ao

assegurar-lhes ser favorável à concessão de subsídios para que possam adquirir grau universitário.

Com tal posicionamento, o futuro candidato democrata, visto que a Senadora Clinton não dispõe mais de oportunidade para superá-lo em número de delegados, ruma para gradativamente superar a visão de que, por ser falto de experiência militar, não teria condições de relacionar-se com as forças armadas com a mesma proximidade política de McCain ou de Clinton.

